

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS (PARTE 1)
9 e 13 de Novembro de 2024

LE JOLI MAI / 1963

Um filme de Chris Marker

Realização: Chris Marker / Argumento: Chris Marker e Catherine Varlin / Direcção de Fotografia: Étienne Becker, Denys Clerval, Pierre Lhomme e Pierre Villemin / Música: Michel Legrand / Som: Antoine Bonfanti e René Levert / Montagem: Madeleine Lecomperre, Anne Meunier e Ava Zora.

Produção: Sofracima / Cópia: Digital, preto e branco, falada em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 145 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

O “joli mai” a que o título do filme de Chris Marker se refere é o mês de Maio de 1962, altura em que terminou a guerra na Argélia. Marker, que acabara de realizar **La Jetée**, filme sobre o futuro visto do passado ou vice-versa, resolveu sair para a rua e filmar o presente – Paris, Maio de 1962. Não necessariamente “cinéma-vérité”, designação que Marker preferia trocar por “ciné-ma-vérité” (literalmente, “cine-minha-verdade”), mas com a memória de todos ainda bem fresca do **Chronique d’un Été** de Jean Rouch e Edgar Morin, e portanto da possibilidade de um cinema de intervenção sociológica ou mesmo antropológica.

Le Joli Mai, que é um filme de uma sensualidade formal talvez não inteiramente esperada (os picados do início, a lembrar alguns planos de Jacques Demy; o anoitecer e o amanhecer do final) é uma espécie de grande mosaico da sociedade parisiense no princípio da década de 60. Pelo menos é assim que ele se vê hoje, quando é relativamente fácil esquecermo-nos do seu pretexto imediato, o fim da guerra da Argélia. Aliás, dir-se-ia que no interior do filme essa questão é tão importante como o facto de, então se terem passado uns escassos 18 anos sobre a libertação de Paris pelos aliados, 17 sobre o fim da II Guerra Mundial. O lado “radiográfico” do filme de Marker tem sobretudo a ver com isso, com um sentir do pulso da sociedade que emergiu do pós-guerra, na altura em que essa “nova” sociedade entrava, em termos de idade humana, na maioridade.

Entrevistas, locução “off” (em inglês, nesta cópia, uma versão encurtada em cerca de 40 minutos por razões que não conseguimos apurar, assim como não conseguimos apurar se tal encurtamento foi supervisionado por Marker ou à feito à sua revelia), imagens de Paris. As várias “faixas” da sociedade francesa vão aparecendo, vão depondo, em inquéritos de rua ou em entrevistas preparadas, operários e intelectuais, um pouco de tudo. Há um verdadeiro “pulsar” da rua e do quotidiano, como se a Marker fosse

fundamental captar a energia efervescente de uma das maiores metrópoles do mundo (a voz “off” vai debitando uma série de dados estatísticos referentes a Paris e ao mês de Maio de 1962), e essa vontade fosse exponenciada pelo ritmo extraordinariamente vivo e cadenciado da montagem. Há momentos de absoluta seriedade, há momentos (não necessariamente menos reveladores) extraídos ao anedotário do quotidiano. O mais impressionante destes últimos será a fabulosa entrevista ao homem que pretende bater o record (do Guinness, imagina-se) de tempo a dançar: sem nunca deixar de menear as ancas, o homem, posto perante a pergunta que se impunha (“por que está a fazer isto?”), embarca numa teorização na ponta da língua, que mete uns laivos de psicanálise até concluir, lapidarmente, que no fundo a dança, “ça remplace une femme”.

Marker, claro, conduz as coisas sem qualquer preocupação de neutralidade (é o “cine-sua-verdade”), encaminhando o filme para onde quer, e não se furtando ao comentário. Nesses termos, no que diz respeito ao “comentário”, o momento mais insólito aparece na entrevista com os dois “engenheiros conselheiros” que teorizam sobre a relação entre o progresso tecnológico e o tempo de lazer: volta e meia, a conversa é cortada para que apareçam imagens de gatos, os célebres gatos de Marker; não se pode jurar pelas intenções do cineasta, mas esses “inserts” dos gatos parecem bastante sarcásticos, como se Marker se risse através deles.

Mas a grande questão, o caminho por onde Marker conduz o seu filme, é a da liberdade. Até que ponto as pessoas são livres, até que ponto a liberdade garantida pela sociedade corresponde a uma efectiva liberdade interior? É um tema que atravessa, expressamente ou não, todas as conversas, sejam as do homem que diz que só é livre no trajecto entre o emprego e a casa (e mesmo assim, “só se houver pouco trânsito”), sejam as que focam a condição feminina (as mulheres têm opinião para votar ou votam segundo a opinião dos maridos?) ou os níveis de “controlo de pensamento” que mesmo numa sociedade não-totalitária são exercidos pelo poder. A questão da relação dos modos de trabalho, da expansão de uma classe média ou média alta que “já não trabalha com as mãos” é lançada a esse propósito, e articulada, de resto, com a questão do ócio e do lazer (como se o filme perguntasse se o ócio e o lazer são uma medida de liberdade); esse tema, aliás, permite a Marker uma quase “private joke”, mostrando, sob o fundo do comentário “off”, Georges Marchais à mesa duma esplanada, e alguns cineastas (reconhecem-se Godard, Rivette, Resnais...) em pose de passeio.

O tema da liberdade regressa em força no segmento final, com as imagens da impressionante (e belíssima, duma beleza tenebrosa) prisão de La Santé. Seguem-se planos de transeuntes, tudo menos sorridentes – e a voz off faz, afinal de contas, a mesma pergunta que Rossellini no filme que se chamava, justamente, “onde está a liberdade”?

Luís Miguel Oliveira